

A IMPORTÂNCIA DAS TRADIÇÕES DISCURSIVAS PARA A ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DE CONECTORES NO PORTUGUÊS MEDIEVAL

Clara Barros

mbarros@letras.up.pt

Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal)

Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

RESUMO. Na análise de textos medievais orientada para o estudo do funcionamento dos conectores discursivos e das suas derivas semânticas e pragmáticas, é importante observar textos pertencentes a diversas tradições discursivas. Dada a polifuncionalidade das unidades linguísticas, as formas podem assumir valores diversos no discurso quando são atualizadas em diferentes contextos. Há, portanto, uma especificidade histórica nos processos de gramaticalização: as mudanças não se dão isoladamente, mas em contextos particulares de uso. O presente estudo situa-se na sequência da investigação anteriormente realizada pela autora sobre os valores e usos de conectores causais-conclusivos e contrastivos em textos argumentativos do discurso legislativo do primeiro período do português medieval e constitui um alargamento dessa análise a textos do mesmo período pertencentes a outras tradições discursivas (narrativos, históricos, de pendor filosófico e poéticos). Esse alargamento permitiu verificar que os mesmos conectores apresentam, na mesma sincronia, diferenças de uso e de evolução em textos de diferente tipologia. Esta análise contribui para estabelecer parâmetros de evolução dos conectores em diferentes tradições discursivas, relacionando a evolução histórica com a tipologia dos textos e com a sua história.

PALAVRAS-CHAVE: Tradições discursivas, gramaticalização, conectores, História do português, português medieval.

ABSTRACT. In medieval textual analysis, which is aimed at the study of the mode of functioning of discursive connectors and their semantic and pragmatic derivations, it is important to take into account texts belonging to different discursive traditions. Given the pluri-functionality of linguistic elements, forms can assume different values within discourse when they are in different contexts. There is, therefore, a historical specificity in the processes of grammaticalization: the changes do not take place in an isolated way, but in particular contexts of use. The present discussion follows on from the author's previous research on the values and uses of causal conclusive and contrastive connectors in argumentative texts in the legislative discourse of the first period of Medieval Portuguese and constitutes an extension of this analysis to texts of the same period belonging to other discursive traditions (i.e. of narrative, historical, philosophical and poetic texts). This enlargement has permitted the verification of the extent to which the same connectors are present, in the same synchrony, with differences of use and evolution in texts of different typologies. This analysis contributes to the establishment of parameters of the evolution of connectors in different discursive traditions, thus relating historical evolution to the typology of the texts and their history.

KEYWORDS: Discourse traditions, connectives, grammaticalization, Portuguese History, medieval Portuguese.

Na análise de textos medievais orientada para o estudo do funcionamento dos conectores discursivos e das suas derivas semânticas e pragmáticas é importante a consideração de textos pertencentes a diversas tradições discursivas conforme o modelo proposto por Kabatek (2001; 2008). A noção da dupla historicidade deste modelo propõe que, além da historicidade da língua, se tome em consideração a historicidade das tradições discursivas que relaciona a evolução das formas textuais com a evolução da língua e permite estudar “las continuidades y discontinuidades de la evolución textual y talvez una posible evolución lingüística paralela” (Kabatek 2001: 100).

Proponho-me analisar, no presente estudo,¹ a correlação entre a tradição discursiva a que pertencem os textos e a frequência e a

¹ Retomo e desenvolvo aqui a temática tratada na comunicação “Percurso de gramaticalização dos contrastivos em português: análise em diversas tradições discursivas” apresentada no XXVIII^o Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza, Roma, 2016 (no prelo).

especificidade do uso de conectores. É de sublinhar o facto de serem abordados conjuntamente os aspetos teóricos e metodológicos da questão e os aspetos concretos que tentam identificar fenómenos em diversas tradições discursivas. A história de uma língua varia também de acordo com as tradições dos textos e estas podem condicionar a seleção de elementos linguísticos adotados a partir de outros sistemas. Tomar em conta a tradição dos textos nos estudos de evolução histórica pode tornar-se um elemento fundamental da investigação. A corrente de linguística histórica que integra o conceito de tradições discursivas estuda a atividade linguística de diferentes sujeitos e seus resultados nos textos que são produzidos. Para Oesterreicher (2002: 359), as tradições discursivas diversificam-se a partir de situações comunicativas determinadas historicamente, havendo processos de recontextualização e de autonomização. E todo o discurso individual guiado por determinados modelos discursivos – os géneros ou tradições – constitui-se como marco de uma série de constelações comunicativas, historicamente determinadas, que controlam os traços específicos de cada discurso e as possíveis modalidades da sua produção e receção. O objetivo principal é a ampliação da teoria linguística pela inclusão da tradição textual, contemplando a tradição de textos concretos. Na definição de uma metodologia da linguística histórica é fecundo ter em conta a diversidade textual através da inclusão do conceito de tradições discursivas. Kabatek chama a atenção para o facto de, na história das línguas, só existirem textos e tradições textuais e aponta a sua particular relevância para a análise dos percursos de gramaticalização.

Em primeiro lugar, é importante a utilização deste modelo porque permite um conhecimento melhor dos testemunhos do passado. Permite colmatar a dificuldade inerente ao estudo histórico dos textos do passado de que já falava Labov (1994: 11), alertando para a necessidade da descoberta de estratégias para superar problemas metodológicos clássicos no estudo de sincronias do passado – o problema da escassez dos dados e o da impossibilidade que tem o observador de estados de língua remotos de recorrer à ‘competência dos falantes’ ou à sua própria competência. E é por isso que a investigação sobre textos antigos obriga a uma utilização de múltiplas fontes para o conhecimento do passado linguístico e a um domínio da crítica do testemunho.

Em segundo lugar, cada tipo de textos pode apresentar frequências variáveis ou usos diferentes de um determinado elemento linguístico e a análise de diversas tradições discursivas é útil para estabelecer essa distribuição e a cronologia dos fenómenos de mudança. A escolha de textos com condições de produção e de receção bem determinadas auxilia a percepção da relação entre a linguagem e os contextos e revela uma especificidade de sentido que tem repercussões no funcionamento textual-discursivo.

Em trabalhos anteriores, observei os usos e significados de conectores discursivos em textos do primeiro período do português medieval mostrando que se diferenciam dos que virão a estabilizar-se em sincronias posteriores da língua portuguesa; tenho igualmente tentado atender a aspetos de evolução linguística, às regularidades da mudança semântica e pragmática com especial foco sobre o fenómeno da gramaticalização, propondo alguns elementos de descrição e explicação de alguns morfemas que evidenciam derivas formais ou funcionais — escolhidos de acordo com a relevância que têm em segmentos argumentativos do discurso legislativo.

No estudo da tradição discursiva de textos jurídicos legislativos a análise visa o levantamento de dados linguísticos históricos, relacionando explícita e sistematicamente a situação específica em que esses dados foram produzidos, atendendo aos meios linguísticos que preenchem certas funções e realizam particulares intenções do Locutor.

A observação da estruturação e funcionamento destes textos e dos discursos neles patentes alia a análise das estruturas discursivas e das dimensões acional e intersubjetiva da linguagem. Essa observação pode dar um contributo para o conhecimento das dimensões referidas tal como se concretizam nas sincronias do passado e, simultaneamente, contribuir para esclarecer algumas estruturas e formas específicas da língua portuguesa de diferentes períodos.

No paradigma das tradições discursivas é sobretudo de salientar a importância de que se reveste o ‘nível textual’ na linguística histórica. Certamente surgem nos textos, desde as primeiras sincronias da língua (período medieval), novas formas de organização dos enunciados, com novos meios para exprimir relações e uma conseqüente ampliação dos meios de conexão intra- e interfrásica que apresentam também uma maior

precisão semântica. No uso dos diferentes textos de tradições diversas, não só se vai enriquecendo progressivamente o inventário de morfemas com funções relacionais, mas também as suas possibilidades combinatórias.

Pretendo, neste trabalho, sublinhar a importância do alargamento da análise a um *corpus* multifacetado, selecionando textos pertencentes a diferentes tradições discursivas — narrativos, de pendor filosófico, históricos, notariais, apologéticos ou até da lírica.

A partir da observação de exemplos de diferentes tradições tentarei evidenciar o uso diverso de conectores em textos da mesma sincronia e em sincronias sucessivas. Há fenómenos de evolução que dentro de um mesmo período poderão não se dar exatamente no mesmo tipo de textos, nem com a mesma frequência. Daí a importância da constituição do *corpus*. Kabatek defendia, já em 2008, a realização de uma análise quantitativa e pluridimensional de *corpora* históricos para o estudo de tradições discursivas das línguas românicas que está na base do projeto, sediado na universidade de Tübingen, que alia o trabalho de ordem linguística e a análise computacional: o projeto TRADISC, programa informático de tratamento semiautomático de dados, que permite extrair conclusões acerca dos textos e das tradições em que estão inseridos. Também Company y Company (2014) sublinha aspetos muito concretos que devem ser tidos em conta na elaboração de um *corpus* para análises em diferentes tradições discursivas como, por exemplo, a seleção de períodos amplos, de dois séculos. Defende, portanto, a observação de intervalos sistemáticos (de 100 a 200 anos). Preconiza, igualmente, a escolha de um universo similar de palavras para cada período e a utilização de bases muito amplas, porque a possibilidade de comparar em dados quantitativos elevados garante que as descontinuidades observadas não sejam esporádicas ou acidentais. Defende ainda a diversidade de géneros textuais por cada faixa cronológica, com temática diferente: três a cinco obras por século observando um critério de homogeneidade, sugerindo a seleção de textos de prosa diversificada de preferência aos de poesia ou de teatro.

Para selecionar um *corpus* para a análise linguística do português de sincronias do passado dispomos dos textos do *Corpus Informatizado*

do Português Medieval,² que utilizei para os textos notariais e para os textos narrativos da *Crónica Geral de Espanha de 1344* e da *Demanda do Santo Graal*. Para a análise do *Leal Conselheiro* utilizei a edição da *Ibero-American Electronic Text Series*. Para o período quinhentista analisei também textos dos gramáticos Oliveira, Barros e Leão, recorrendo às pré-edições de Paiva 2002.

Dada a polifuncionalidade das unidades linguísticas, as formas podem possuir várias possibilidades de sentido que são atualizadas em diferentes contextos e assumem diferentes valores no discurso. Há, portanto, nos processos de gramaticalização, uma especificidade histórica: as mudanças não se dão isoladamente, mas em contextos particulares de uso. Nesses processos de gramaticalização não há uma imediata anulação dos usos tradicionais, aliás de acordo com a propriedade de estratificação de Hopper & Traugott 2003.³

São definidas como internas ao sistema a profundidade histórica ou antiguidade da mudança em questão; o aspeto fónico/gráfico da forma (ou da construção) inovadora; a frequência de emprego das formas ou construções – a conservadora e a inovadora; e finalmente o tipo de categoria que experimentou a mudança. São consideradas variáveis externas ao mesmo percurso: o tipo de sociedade que usa a língua e o género textual ou tradição discursiva da manifestação do fenómeno.

Na determinação do carácter de fenómeno interno ou externo ao sistema, podemos observar que o processo de gramaticalização é interno, mas a sua expansão depende dos grupos sociais que usam as novas formas. Dada a complexidade dos fenómenos de mudança histórica, há necessidade de incorporar a dimensão social à gramaticalização (aspeto já sublinhado por Jacob 2003). O âmbito de estudo destes fenómenos de mudança deve tomar uma direção que foi encetada por numerosos trabalhos que se reclamam de uma sociolinguística histórica. Importa não só estudar a

² Edição digital do Corpus Informatizado do Português Medieval (CIPM) da Universidade Nova de Lisboa.

³ Segundo os autores, a estratificação é um efeito sincrónico da unidirecionalidade: “Layering is the synchronic result of successive grammaticalization of forms which contribute to the same domain” (Hopper & Traugott 2003: 134).

relação entre tradição discursiva e evolução histórica, mas discutir esta questão dentro dos parâmetros de uma teoria integradora da mudança que leva a identificar as referidas variáveis, incluindo a última, a tradição dos textos.

Pretendo exemplificar esta metodologia de análise com o estudo da história de uma mudança que se verifica no uso de formas com valor contrastivo como *por en*, *toda via*, *com todo esso* no português medieval (cf. Barros 2010, 410-416; 421-426) e que não obedece a uma evolução cronologicamente linear, antes depende em grande medida dos textos particulares em que estas formas aparecem, das respectivas tradições e da frequência com que neles surgem. O que demonstra que as análises da mudança linguística podem encontrar outra visão dos fenômenos se tiverem em conta a diversidade textual.

Com efeito, podem observar-se em cada tipo de textos usos diversificados de um mesmo conector com maior ou menor frequência relativa. A análise em textos diferentes é importante para detetar a distribuição dessa frequência e estabelecer a cronologia dos fenômenos. Tomando o caso específico de *por en*: a partir da análise de textos jurídicos da legislação de Afonso X, observei algumas ocorrências de *por en* contrastivo, em consonância com o cariz argumentativo de muitos segmentos textuais, o que me permitiu traçar uma fronteira inicial do novo uso do morfema como contrastivo patente no exemplo seguinte:

1. *Se algũa mulher for uiuuoa que aya senhor auodo ia ou amigo e casar depos morte de seu padre ou de sa madre sen uoontade de seus irmaos nõ seya **porẽ** desherdada.*

(F.R., III, 45-47)

Esta e outras ocorrências são talvez os primeiros exemplos de um uso que surgiu em contextos muito marcados ou específicos: os textos jurídicos legislativos que, dado o seu teor argumentativo, podem ostentar uma maior frequência do novo uso, contrastivo, de *por en*. Mas trata-se, ainda assim, de uma frequência muito relativa, diminuta em comparação com as ocorrências de *por en* como conclusivo, de que podemos observar os seguintes exemplos:

2. *Porque os corações dos omães son departidos **porẽ** naturalmẽte natural cousa é que os entendimẽtos nẽ as obras non acordẽ en hũu.*

(F.R., I, 17-19).

3. *E **por que** o fazer he muy grave cousa e o desfazer ligeyra, **por ende** o desfazimẽto das leyes e tolhellas de todo que nom valhã, nõ se deve fazer senõ com grã conselho de todolos homẽes bõos da terra.*

(P.P., I, 252-255).

Não me teria apercebido deste facto se não tivesse analisado outros textos coevos de tradições discursivas diferentes. Verifica-se que os usos contrastivos são inexistentes no texto dos *Diálogos de S. Gregório*, texto apologético analisado por Mattos e Silva (1989) onde as ocorrências de *por en* revelam valor conclusivo e explicativo. Mesmo dentro do discurso jurídico, os textos notariais contemporâneos da legislação de Afonso X não apresentam o valor e uso como contrastivo de *porem*: documentam apenas o valor de conclusivo e de anafórico característico destas formas na sincronia medieval. Observemos os dois exemplos seguintes, um de 1262 (Maia 1986) e outro de 1309 (Amaral 2016):

4. *E esses frades mandarom a mi dizer que lhys embargam ora sas esmolnas demandando lhys as cousas de suso dictas. E **porem** mando e defendo que nenguu seja ousado en meu reyno de lhys demandar estas cousas sobredictas [...] E aquel que hy al fezesse faria lh'eu **porem** mal no corpo e no aver.*

(P.Col.P., 15).

5. *Ca nos la testamos a Deus & ad Santa Maria & au dito abbade & conuento du moesteiro de Subrado per mão do dito ffrey Paayo que Deus **por** ã nos agia merzée aa carne & áas almas & segianos amparamento contra os pecados &remijmento de nossas almas.*

(H.G.P., 001, 41).

O mesmo se verifica no texto narrativo da *Crónica Geral de Espanha* como podemos ver no seguinte exemplo:

6. E, **por que** os que ouvissen esta estoria nom ficassen duvydosos, dizendo que verssos poderiam seer; **poren** escrevemos aquy parte delles per latim e depois en liguagen.

(C.G.E., Fól. 65a, Título 167).

Em meados do séc. XV, a forma analisada – no uso gramaticalizado como contrastivo— já se encontra numa ampla variedade de textos, convergindo na mesma função contrastiva, ainda em frase negativa, até estabilizar no moderno e corrente uso adversativo. No texto de cariz literário e filosófico do *Leal Conselheiro*, de 1437-1438 (*Ibero-American Electronic Text Series*), detetam-se casos, ainda raros, do uso contrastivo de *porem/porende* em frase afirmativa de que aqui se apresentam três exemplos:

7. Ca em este caso aos outros do seu reyno, a que perteece de o em ella [justa guerra] servir; nom convem mais scoldrinhar, mas sem embargo podem matar, ferir e roubar; segundo per seu rey e senhor for ordenado. §21 Ca esto todo he per todos derecho determynado, que os que teem officio de defensores o devem fazer; husando **porem** de piedade quanto mais poderem, com reguardo de seu serviço, naquelles casos que per boos confesores e leterados nos for determinado

(L.C., Cap. XVII, *Do hodyo*)

Também nos exemplos 8 e 9 existem instanciações particulares em que o princípio geral não se efetiva:

8. §19 E sse conhecermos que com ella nom tressaymos, e nos aproveita com grande tento, nom leixemos de pensar, fallar, obrar, ainda que a ssyntamos, **porem** com boo resguardo ssegundo for a pessoa, feicto e logar.

(L.C., Cap. XVI, *Da sanha*)

9. §5 Segunda he dos jejũus que por special devaçom se guardom, os quaaes, ainda que nom assy como aos primeiros sejamos obrigados, **porende** as speriencias bem demostram como a nosso senhor delles praz per cujo emxemplo aquelles da cidade de Nyve foram salvos da sentença de sua destruyçom.

(L.C., Cap. XXXIII, *Da diferença dos jejũus*)

Na mesma obra, no entanto, a forma ‘*porem*’ surge ainda com o uso e valor conclusivo de *por isso*, como se pode ver no seguinte exemplo:

10. *scripto ao pee da letera, que chamam os leterados ‘a contexto’, o qual a algũus nom muyto praz, por seer scripto na maneira latinada. E queriam que se tirasse a ssentença posta em mais geeral maneira de fallar. E outros dizem que bem lhes parece. Porem, quando mandardes tornar algũa leitura de latim em nossa linguagem, a maneira que mais vos prouuer mandaae que tenha aquel que dello tener cárrego.*

(L.C., Cap. XCIX, *Da maneira pera bem tornar algũa leitura em nossa lynguagem*)

No *Cancioneiro Geral* de 1516 surgem igualmente alguns casos, também raros, de ‘*porem*’ contrastivo em frase afirmativa:⁴

11. *Nom o posso porem crer, aynda que mo jureys.*

(C.G.R., c. 477, *De Joã Rodriguez de Saa a hũa dama que disse que sonhara que elle e outro homem achauã certas damas de noyte*).

12. *Por ventura com mudança, / como mil vezes se ordena, / prazer se troca por pena / ou outr mayor s’alcança. / E porém há esperança, / que muytas vezes lhe val, / por grande que seja o mal.*

(C.G.R., c. 462, *Trouas que mandou Joã Rodriguez de Saa à senhora Dona Joana Manuel*)

⁴ São ocorrências cronologicamente anteriores, mas próximas dos primeiros casos atestados do francês *pourtant* contrastivo nesse mesmo contexto (1588). A consulta da forma *pourtant* nos recursos disponibilizados pelo Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales CNRTL/ ATILF dá a seguinte informação:

«Pourtant, Adv. **Étymol. et Hist.** 1. *Ca* 1160 <à cause de cela, pour cette raison> (*Eneas*, éd. J. J. Salverda de Grave, 7091); *ca* 1165 (Benoît de Ste-Maure, *Troie*, éd. L. Constans, 17365); 2. *ca* 1445 marque l’opposition «malgré cela, cependant» dans une phrase nég. (Pierre de Hauteville, *La Confession et Testament de l’amant trespassé de deuil*, éd. R. M. Bilder, 632: Ne pourtant croiez que remecte Ou pardonne de vraye science A la mort mauldicte et infaicte); 1588 dans une phrase affirm. (Montaigne, *Essais*, éd. P. Villey et V. L. Saulnier, I, 3, p.18)».

É evidente que há aspetos comuns a outras línguas românicas, com fenómenos de evolução análogos, que no entanto poderão não se dar nas diferentes línguas com a mesma frequência, nem exatamente no mesmo período, nem no mesmo tipo de textos.

13. *E porem na noyte mays, / porque he empo mays desposto / em que estas fadiguas
taes / dam dores mays desyguais [...].*

(C.G.R., c. 459, *Epistola de Laodomia*)

O morfema surge ainda frequentemente como conclusivo em correlação com *porque*. Há portanto um uso diversificado.

Partindo, como vimos, da análise dos textos e do contexto cultural que os envolve (única garantia para o estabelecimento dos sucessivos momentos do percurso de mudança), este estudo poderá conduzir ao estabelecimento de uma mais precisa cronologia dos fenómenos de gramaticalização de morfemas contrastivos e permitir a identificação da tradição de textos em que surge a mudança e as exatas circunstâncias em que ela ocorre.

Observei a evolução do morfema ‘porém’, que se fixou como contrastivo ao longo da história do português, tentando estabelecer uma cronologia do fenómeno a partir de textos de diferentes tradições, de tipologia variada. O trabalho, embora ainda em progresso,⁵ permite-me ver que é nos séculos de XIII a XV que se desenvolve o fenómeno de gramaticalização deste e de alguns outros contrastivos em português.⁶ Pude ainda sublinhar a coexistência dos valores conclusivo-explicativo e contrastivo do conector ao longo do período medieval. Anotei também que o uso de ‘porém’ como contrastivo ocorre com maior frequência nos textos legislativos e não se observa, na mesma época, nem nos textos notariais (Maia 1986) nem nos apologéticos (Mattos e Silva 1989), onde continua a ter valor causal/explicativo. Encontra-se igualmente este valor no *Leal Conselheiro*, texto do século XV, mas encontramos já também nessa obra o contrastivo ‘porém’ no seu uso moderno, em frase afirmativa.

Creio que o tipo de trabalho aqui apresentado pode ser relevante por estabelecer parâmetros de evolução dos contrastivos em diversas tradições discursivas, relacionando o percurso dos conectores com a tipologia dos

⁵ Gostaria de analisar mais longamente o texto do *Cancioneiro Geral e os textos dos gramáticos do século XVI*.

⁶ Há razões para crer que existe um longo período de coexistência de formas ao longo dos séculos XIII a XV. Ver Maia, 1995, 23-25.

textos. Esta metodologia pode contribuir para uma história da língua portuguesa que tome em conta as condições de produção-receção dos textos-discursos e a evolução que neles se inscreve.

REFERÊNCIAS

- Amaral, L.; Silva, M. J. 2016. *Pergaminhos de uma coleção particular*. Porto: CITCEM / Edições Afrontamento (=P.Col.P.).
- Azevedo Ferreira, J. (Ed.) 1980. *Alphonse X. Primeyra Partida*. Édition et Étude. Braga: INIC. [= P.P.]
- Azevedo Ferreira, J. (Ed.) 1987. *Afonso X. Foro Real. Edição e Estudo Linguístico*. 2 Vols. Lisboa: INIC. [= F.R.]
- Barros, C. 2002. Alguns aspectos do funcionamento dos contrastivos no Português medieval. In: B. Head (Ed.). *História da Língua e História da Gramática. Actas do Encontro*. Braga: Universidade do Minho, 72-82.
- Barros, C. 2010. *Versões Portuguesas da Legislação de Afonso X. Estudo Linguístico-Discursivo*. Porto: Uporto Editorial.
- Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales CNRTL/ ATILF. Citação retirada em 15 de maio de 2017 da WWW: www.cnrtl.fr.
- Company e Company, C. (Ed.) 2014. *Sintaxis histórica de la lengua española. Tercera parte: Adverbios, preposiciones y conjunciones. Relaciones interoracionales*. México: Fondo de Cultura Económica y Universidad Nacional Autónoma de México.
- Crónica Geral de Espanha*. Edição digital do Corpus Informatizado do Português Medieval – CIPM, da Universidade Nova de Lisboa. Retirada em 15 de maio de 2017 da WWW: <http://cipm.fcsh.unl.pt> [= C.G.E.]
- Demanda do Santo Graal*: Edição digital do Corpus Informatizado do Português Medieval – CIPM, da Universidade Nova de Lisboa. Retirada em 15 de maio de 2017 da WWW: <http://cipm.fcsh.unl.pt> [= D.S.G.]
- Hopper, P.; Traugott, E. 2003. *Grammaticalization*. Cambridge: CUP.
- Kabatek, J. 2001. ¿Cómo investigar las tradiciones discursivas medievales? El ejemplo de los textos jurídicos castellanos. In: D. Jacob & J. Kabatek (Eds.). *Lengua medieval y tradiciones discursivas en la Península Ibérica*:

- descripción gramatical - pragmática histórica – metodología*. Frankfurt am Main / Madrid: Vervuert / Iberoamericana (Linguística Iberoamericana, 12), 97-132.
- Kabatek, J. 2006. Tradições discursivas e mudança linguística. In: N. Almeida; Z. Carneiro; T. Lobo; I. Ribeiro (Eds.). *Para a História do Português Brasileiro, Vol. VI/II*. Salvador da Bahia: EDUFBA, 505-527.
- Kabatek, J. 2008. Introducción. In: J. Kabatek (Ed.). *Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: Nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas*. Frankfurt am Main / Madrid: Vervuert / Iberoamericano, 7-16.
- König, E.; Traugott, E. (1991). The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: B. Heine; E. Traugott (Eds.). *Approaches to Grammaticalization, I*. Amsterdam: Benjamins, 189-218.
- Labov, W. 1994. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Oxford: Blackwell.
- Lima, J. 1997. Caminhos semântico-pragmáticos da gramaticalização: o caso de *embora*. In: A. Brito; I. Lima, R. Martelo; F. Oliveira (Eds.). *Sentido que a Vida Faz - Estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras, 643-655.
- Leal Conselheiro*: edição digital da Ibero-American Electronic Text Series. Retirada em 15 de maio de 2017 da WWW: <<http://digital.library.wisc.edu/1711.dl/IbrAmerTxt>> [= L.C.].
- Maia, C. 1986. *História do galego-português. Estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI*. Coimbra: INIC.
- Maia, C. 1995. Sociolinguística histórica e periodização linguística. Algumas reflexões sobre a distinção entre português arcaico e português moderno. *Diacrítica* 10: 3-30.
- Mattos e Silva, R. 1989. *Estruturas Trecentistas. Elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Oesterreicher, W. 1997. Zur Fundierung von Diskurstraditionen. In T.Haye; D.s Tophinke (Eds.). *Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit*. Tübingen: Narr, 19-41.
- Paiva, M. 2002. *Os Gramáticos Portugueses Quinhentistas e a fixação do Padrão Linguístico. Contribuição da informática para o estudo das relações entre funcionamento, variação e mudança*. Porto: Faculdade de Letras.
- Piel J. (Ed.) 1942. *Leal Conselheiro o Qual Fez Dom Eduarte Rey de Portugal e do Algarve e Senhor de Cepta*. Edição com a grafia atualizada de João Morais

- Barbosa. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda. *Introdução à edição electrónica*, por João Dionísio. Retirada em 15 de maio de 2017 da WWW: <http://digital.library.wisc.edu/1711.dl/IbrAmerTxt>. LealConselIntro
- Pimpão, A.; Dias, A. (Eds.) 1973. *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*. Coimbra: Instituto de Alta Cultura. [= C.G.R.]
- Traugott, E.; Heine, B. 1991. *Approaches to Grammaticalization Volume I. Theoretical and methodological issues*. Amsterdam: Benjamins.
- Traugott, E.; Hopper, P. 1993. *Grammaticalization*. Cambridge: CUP.